

# Opiniões do general Euclides Figueiredo

O fato de ser filho do general Euclides Figueiredo foi um dos dados de maior destaque na biografia do chefe do Serviço Nacional de Informações, general João Baptista de Oliveira Figueiredo, distribuído à imprensa pelos articuladores de sua candidatura à presidência da República, que o ministro não assumiu publicamente.

Esse destaque se explica porque o general Euclides sempre defendeu o primado da Lei, tanto que teve um dos postos mais importantes no Exército paulista que fez a Revolução Constitucionalista de 1932. Acaba de surgir uma oportunidade para se conhecer melhor as idéias do velho general e por extensão de seu filho, em alguma medida: seu livro "Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932", publicado em 1954, foi reeditado este mês pela Livraria Martins Editora.

O general Euclides (1883-1963), quando alferes, em 1911, estagiou por dois anos na Alemanha, num regimento de cavalaria em Ohlau, na Prússia Oriental, e ao retornar fundou com outros tenentes estagiários (Bertoldo Klinger, Genserico de Vasconcelos, Augusto de Lima Mendes e outros, os "jovens turcos") a revista "Defesa Nacional", que propunha a modernização do Exército.

Durante a disputa eleitoral entre Rui Barbosa e o marechal Hermes da Fonseca pela presidência da República, o tenente Figueiredo se colocou ao lado dos civilistas. Participou das lutas do Contestado, onde salvou a vida de um soldado, e depois serviu como instrutor da Escola Militar de Realengo; em 1922, conseguiu debelar a revolta dos cadetes na Escola através do diálogo.

A Revolução de 1930 o surpreende inspecionando tropas no Rio Grande do Sul, já coronel. Contrário ao movimento, foi preso, e depois solto recusou-se a voltar ao serviço ativo. Após a derrota da Revolução de 1932, exilou-se primeiro em Lisboa, a seguir em Buenos Aires. Retornou do exílio com a anistia ampla e a convocação da Assembleia Nacional Constituinte de 1933. Candidatou-se a deputado federal pelo Partido Republicano Paulista, sem êxito, e então se dedicou a uma firma de engenharia, que na verdade era a sede de uma conspiração contra o regime de Vargas.

O golpe comunista de 1935 trunco a nova conspiração em que se envolveu, pois acredita que nova burla já se armava contra o regime constitucional. Durante o Estado Novo, Euclides Figueiredo voltou a conspirar. Preso em novembro de 1937, solto e novamente preso em março de 1938, incorporou-se a Octavio Mangabeira, Armando Salles de Oliveira, a dissidentes do Integralismo e a adversários democratas do Estado Novo, que se uniram para tentar a deposição de Vargas.

Acabou novamente preso, confinado durante quatro anos à Casa de Correção, de início, e posteriormente na Fortaleza de Santa Cruz, de onde enviava (sob o pseudônimo Um Observador Militar), comentários sobre a II Guerra Mundial, publicados em "O Jornal" e no "Jornal do Comércio".

Sua patente de coronel foi cassada no Estado Novo, que também decretou sua "morte", passando sua mulher, dona Valentina, à condição de "viúva", e dois de seus filhos, Diogo e Euclides, à condição de alunos "órfãos" do Colégio Militar.

Três anos depois de libertado graças a uma petição de livramento condicional que se negou a assinar, elegeu-se deputado federal pela União Democrática Nacional, representando o Distrito Federal na Assembleia Nacional Constituinte de 1945. Dois de seus projetos de lei são considerados importantes: o que propôs a extinção da Polícia Especial, órgão remanescente do Estado Novo, e o que encaminhou a Lei de Direitos Autorais elaborada pela Associação Brasileira de Escritores.

Depois de perder a eleição para o Senado, dedicou-se novamente à Engenharia. Aceitou dirigir a Companhia Municipal de Transportes Coletivos de São Paulo, mas afastou-se denunciando as irregularidades que constatou. E não mais voltou à política.

Deixou seis filhos: o escritor ("Paris"), advogado e jornalista Guilherme de Figueiredo; os generais João Baptista, Euclides e Diogo (os dois primeiros ainda na ativa); o dentista Luis Felipe e Maria Luiza.

Apresentamos em seguida algumas das idéias do general Euclides extraídas de seu livro reeditado.

G.B.

## Sobre a prática democrática

"Ainda há falta de confiança. E serão precisos mais alguns decênios de prática sincera do regime constitucional, para que o povo brasileiro recupere a plena consciência dos seus direitos e aprenda, tateando nas últimas sombras da ditadura, entre erros, incertezas e decepções, a discernir os que o levam à ruína ou à liberdade".

## A respeito dos augúrios

"O mês de agosto não se iniciará com muita felicidade para as armas constitucionalistas".

## Em defesa do voto livre

"O exercício do voto livre para a escolha dos seus mandatários, por muitas vezes repetido, apontando defeitos das leis e corrigindo vícios reconhecidos na prática, só ele será capaz de formar cidadãos capacitados das suas responsabilidades e crenças na sua força para a gestão dos negócios públicos. Cada vez que um eleitorado envia à mesa do Executivo ou às suas Câmaras um candidato que o decepciona, aprende, pela constatação do erro, a escolher melhor, e usar na seleção verdadeiro critério de conhecimento de valores. Importa também que os partidos políticos, organizados à base de programas mais sedutores que as pessoas de seus chefes e mais realistas que o realismo deles na habilidade de locupletar-se, indiquem à massa eleitoral somente os que estão aptos a exercer o mandato. Toda consideração que não seja atinente ao prestígio próprio, ao mérito, ao caráter individual, ao saber, à inteligência, à fidelidade aos programas e compromissos partidários, tem de ser relegada a plano inferior. É forçoso banir influências colaterais ou ancestrais, e sobretudo a força da situação financeira. O pior de todos os venenos para o eleitorado é o da corrupção, o do suborno. O voto deve ser livre, nunca objeto de transações".



Euclides Figueiredo, em 1954.

## Sobre a opinião pública

"As convicções dos políticos no amparo dos interesses legítimos de São Paulo e dos seus direitos não foi, no caso, senão um reflexo, ou melhor, um imperativo da opinião pública que lá se formou. Foi, portanto, o povo, reunido em praça pública, que forçou a solução do caso, precipitando-a. Houve um verdadeiro comício permanente, que durou 48 horas e só se dissolveu quando foi dada a conhecer ao povo a resolução do Interventor de modificar o seu Secretariado".

## Da importância da informação

"Precisamos, com urgência, saber o que faz o inimigo".

## Sobre a ditadura de Vargas

"Quinze anos de ditadura, com uma ligeira interrupção que nem bastou para tranquilizar os espíritos; desmandos de toda espécie; a permanente propaganda da desmoralização do poder legislativo popular; a violação da independência do poder judiciário; a destruição das liberdades individuais; o estelionato, o peculato, o furto da coisa pública, erigidos em norma de vida, são ainda hoje lembrados pelas consequências que deixaram. E, o crime maior de todos, a destruição do sentimento democrático de toda uma geração que, após 1930, aprendeu desde os bancos escolares a vitória sem o mérito e sem a emulação, a conquista de títulos sem estudos, a de cargos sem encargos, a de gozos sem deveres".

## Contra a Revolução de 30

"Os que atribuem benefícios para o País como resultados exclusivos da revolução de 3 de Outubro de 1930 deixam de considerar a força da evolução que, normalmente, se ia processando nos nossos costumes políticos e administrativos. Desse ponto de vista pode dizer-se que aquele tortuoso acontecimento da vida nacional constituiu simplesmente um verdadeiro desastre; uma catástrofe, incentivando os aventureiros audaciosos e decepcionando todos que para ele cooperaram com sadias intenções patrióticas".

## Sobre a Aliança Liberal

"O decantado programa de Aliança Liberal ficou como letra morta, após a vitória de sua pregação; homens de talento, propagandistas ardorosos de ideais alevantados, uma vez alcados, de súbito, ao poder, que chegaram a descrever de alcançar, não souberam, ou não puderam, nele manter-se com o prestígio que lhes deu o êxito. Transigram, transigram muito; desfiguraram as intenções que proclamavam. E o que ficou foi o desacerto, a quebra do ritmo de um acentuado progresso. Nem as alterações do sistema eleitoral, com o voto secreto, nem as modificações introduzidas na administração pública, nem a incipiente e defeituosa legislação social urbana, cujo grave crime seria o de arrastar para as cidades o homem do campo, nem outras muitas e boas inovações, justificam o abalo que sofreu a Nação, com o golpe vibrado contra as suas instituições".

## Objetivos da Revolução de 32

"Em breves palavras mais expliquei aos oficiais as finalidades do movimento — arrancar o País das mãos dos usurpadores do poder, para entregá-lo ao povo, restabelecendo o império da Lei, a ordem e a segurança nos negócios públicos e a hierarquia nas classes armadas. Guiava-me, acrescentei, um desejo firme de fazer o conagração da família militar, dividida pelas lutas inglórias dos anos anteriores. Quanto à constituição do governo, seria o de uma Junta Provisória, com mandato curto, o estritamente necessário ao restabelecimento do regime constitucional, com eleições gerais".

## Sobre a hierarquia

"Mostrei que não podia compreender como o general Klinger se julgasse com direito de dar ordem para a cessação da luta pela simples investitura, que lhe coubera, de comandante-chefe do Exército Constitucionalista. Achava que mesmo numa guerra regular, se é da competência do comandante-chefe pedir e discutir armistício com o adversário, ele não se poderia arrogar autoridade de sobrepor-se ao Governo, a que ele próprio deve obediência; do contrário, haveria inversão de poderes. Se isso acontecia na guerra regular, com muito mais forte razão deveria ser observado numa revolução em que cada um entra porque quer e deve poder sair somente quando quiser, ou mesmo não sair, se não quiser".

## Descrição de uma batalha

"O ataque a Queluz se processou no dia 10 de agosto. Foi formidável; rendamos homenagens aos ditatoriais nessa jornada heróica. Desde o dia 8 chegavam pedidos aflitos ao Quartel General: munições, reforços. Foram horas de angústia para os chefes que retinham os postos de direção. Alguns cunhetes daqui, outros de lá, pedidos aos diversos chefes e comandantes de destacamentos que abrissem mão do pouco que ainda possuíam. E a munição vinha escassa, e os homens vinham em pequenos grupos. As granadas de mão foram um auxílio poderoso nesse momento. Com elas foi feita uma cortina de fogo, para que a tropa se retrairasse em relativa ordem. Quando Queluz caiu, o comandante da D. I. e vários oficiais aguardaram em Cruzeiro, de armas na mão, o irrompimento de elementos adversários em perseguição à nossa gente. A primeira impressão da notícia daquela queda foi acabrunhadora; tal como chegou, num telefonema rápido, parecia que todo o Destacamento Lamego, que marchara para São Roque, havia sido tomado de surpresa e estava perdido".